**ANÁLISE CRÍTICA DO PROCESSO DE EMERGÊNCIA DO PERFIL METALÚRGICO JOVEM ADULTO DO ABC PAULISTA: REVISITANDO AS CONTRIBUIÇÕES** [**DE E. P. THOMPSON**](http://simposiointerepthompson.wordpress.com/)

Renan Araújo[[1]](#footnote-1)

**Resumo:** Neste artigo discutiremos, com base nas contribuições de E.P. Thompson, o perfil da “nova geração flexível” encontrada nas empresas da região do ABC paulista, seus costumes, seu cotidiano e os valores morais definidores dos traços sociais deste novo segmento metalúrgico. Interessa-nos apreender as razões das rusgas existentes entre a “nova geração flexível” e os operários da “velha guarda” à luz das “experiências vividas e adquiridas” que conformam os elementos constitutivos da subjetividade da “geração flexível” operária. Em contraposição à interpretação econômico/mecanicista da história, analisaremos o processo de flexibilização da produção procurando desnudar os elementos que, relativos à cotidianidade operária, estão na base da definição dos processos de vida pessoal, trajetórias histórico-coletivas distintas e balizadoras das atitudes divergentes em relação aos valores morais e padrões de conduta contidos no modo de *fazer-viver-perceber* deste novo segmento do proletariado.

**Palavras-Chave**: Geração flexível. Experiências vividas e experiências adquiridas. Subjetividade operária.

**Abstract:** In this article we will discuss, based on the contributions of E.P. Thompson, the profile of the "new generation flexible" found in companies in the ABC Paulista region, their habits, their daily life and moral values of the defining traits of this new social metallurgical segment. We are interested in apprehending the reasons of the conflicts between the "new generation flexible" workers and the "old guard" in light of "lived and acquired experiences" that are  part of  the elements of subjectivity of the  "flexible generation" workers. In contrast to the economic / mechanistic interpretation of history, we will examine the process of flexibilization of the productionprocess lookingbaretheelements, related to workers' daily lives, that are on the base of the definition of the personal lifeprocesse**s**, distinct and guidable historical collective trajectories of the divergent attitudes related to the moral values and standards of conduct inside the way of *doing-living-realizing* of this new segment of the proletariat.

**Keywords**: Flexible generation. Lived experiences and acquired experiences. Worker's subjectivity.

Em sintonia com a tendência global do capital, na década de 1990, o Brasil vivenciou a disseminação do complexo de reestruturação produtiva. No segmento automotivo localizado da região do ABC paulista, a reestruturação impulsionou um intenso processo de mudanças que, de forma complementar, apontaram em duas direções:

**A**-) flexibilização do processo produtivo e drástica diminuição do operariado empregado diretamente nas empresas montadoras em decorrência das terceirizações em áreas consideradas “não fim”, ou setores produtivos com menor incorporação de novas tecnologias e baixo valor agregado;

**B**-) alteração do perfil social do operário quando observado a escolaridade, qualificação profissional, disponibilidade para empreender e engajar-se nos projetos propostos pela empresa. Segmento que passou a conviver com os operários mais antigos ainda remanescentes do processo inicial de formação das empresas. Na esteira dessa nova dinâmica, como parte da luta por permanecer no emprego, instalou-se uma relação conflitiva no chão da nova fábrica entre a “geração flexível” recente e a “velha guarda operária”.

Trata-se, portanto, de um único processo histórico eivado por todos os tipos de contradições e cuja processualidade contraditória nos desafia a compreender, não só as transformações econômicas e políticas ocorridas no governo de Juscelino Kubistchek, quando da sua estratégia de buscar o desenvolvimento do Brasil com base na política de incentivos para a produção de bens de consumo duráveis (CHAPIRO,1997), mas a base histórica essencial constituinte do germe das mudanças econômicas e sociais, criadora por excelência da materialidade objetiva/subjetiva da “história real”, da emergência em escala ampliada da classe operária fordista no Brasil, e dos desafios em apreendermos as novas “evidências” que se materializam na esteira do processo criador desse novo segmento do proletariado conforme preconizou Thompson (1963).

Deste embate desnudam-se processos de vida pessoal e trajetórias histórico/coletivas distintas, balizadoras das atitudes divergentes e dos valores morais e padrões de conduta contidos no modo de *fazer-viver-perceber* deste novo segmento do proletariado. É por isso que as contribuições de Edward Palmer Thompson (1963; 1981) são fundamentais para percebermos a gênese da “geração flexível” em observância ao contexto histórico que funda sua origem, os costumes, o cotidiano e valores sociais difundidos em sua época, conformando o conjunto das “experiências vividas e experiência percebidas” que, específicas do tempo presente, devem ser apreendidas como base essencial dos elementos constitutivos da subjetividade operária, da “geração flexível” que emergiu com a disseminação da reestruturação produtiva do capital após a abertura econômica promovida a partir de 1990.

No bojo dessas mudanças, novos desafios foram apresentados para a interpretação da realidade social, implicando na necessidade de superação de pressupostos teóricos até então hegemônicos entre diversas correntes teóricas que se autoproclamavam de linhagens “críticas ao capital”.

Fato é, que ao longo do século XX, particularmente até a queda do muro de Berlim (1989) e fim da URSS (1990), *per summa capita[[2]](#footnote-2)*, segmentos da esquerda de vertente estruturalista, guiados pela tese dos “Aparelhos Ideológicos” (ALTHUSSER, 1998) e seus impactos na consciência das massas, sustentavam o pressuposto de que o operariado, por sua posição-condição na sociedade produtora de mercadorias se impunham como portadores naturais do devir histórico.

Para tanto, parece-nos que de forma um tanto quanto esquemática, potencializavam teses/possibilidades apresentadas por karl Marx (1968) no Manifesto do Partido Comunista, tal qual a afirmação de que:

"O desenvolvimento da indústria moderna, portanto, abala a própria base sobre a qual a burguesia assentou seu regime de produção e de apropriação. O que a burguesia produz principalmente são seus próprios coveiros. Sua queda e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis" (Marx, 1968. 53).

Parece-nos, então, que guiados por desejos sinceros de construção de uma sociedade socialista, deram um passo rumo ao equívoco analítico quando conferiram validade universal à premissa acima, sem observar as devidas mediações necessárias entre a composição social estratificada do sujeito histórico, o processo social contraditório que engendra sua tessitura e, por fim, as possibilidades concretas de, em determinada conjuntura histórica, o operário assumir de fato, o papel de agente transformador radical da realidade política/econômica/social.

Com isso, criaram terreno fértil para uma série de equívocos analíticos na medida em que pensadores da esquerda passaram a sustentar o pressuposto de que o operariado, ao trazer dentro de si os códigos morais e sociais necessários à emancipação humana, as mudanças rumo à construção do socialismo seria alcançadas caso o operariado elevasse sua consciência ao ponto de romper com a estrutura política e ideológica na qual encontravam aprisionados, rompessem com as estruturas devidamente protegidas pelos aparelhos ideológicos propriamente ditos. Foi contra estes pressupostos teóricos mecanicistas e suas estratégias fatalistas que E. P. Thompson se posicionou de forma veemente.

De acordo com Bryan Palmer (2014) “E.P.Thompson oferece a todos os historiadores [...] muitas palavras sobre as complicações cruciais para a compreensão do passado, e as complexidades de traduzir um conhecimento de seu significado para o presente” (PALMER, 2014: 57). Ou seja, para E. P. Thompson o desafio da transformação social, em oposição ao mecanicismo explicativo, implicava na apreensão do passado como esteio indispensável à compreensão da classe operária em sua concretude histórica.

Deste modo, é imperativo que se dê importância aos aspectos sociais relativos à formação da classe operária, da fenomenologia contraditória contida na dimensão da cotidianidade que, por sua vez, é prenhe dos elementos explicativos dos vários mecanismos de reprodução social. Ou seja, na perspectiva Thompsoniana a cotidianidade é alçada a condição de chave para a apreensão do presente. Mais ainda, da formação/transformação permanente da classe operária enquanto sujeito histórico portador das possibilidades radicais revolucionárias ou reacionárias em determinada época histórica, pois no seu fazer-se carrega um conjunto de “evidências”, matéria prima indispensável à apreensão do real, ainda que as “evidencias” sejam incompletas e imperfeitas.

Portanto, para E.P.Thompson, o operariado não é somente criação do processo histórico, ele é resultado/conduzido/condutor/resultado do processo social contraditório. Bryan Palmer (2014), em defesa do método investigativo Thompsoniano recuperou importante reflexão desenvolvida por Thompson na sua obra teórico/clássica intitulada “A Miséria da Teoria” ao afirmar que:

“Em uma investigação histórica, não estamos folheando através de uma série de “imagens estáticas”, em que cada uma mostra-nos um momento do tempo social paralisado em uma única pose eterna, pois cada uma dessas imagens estáticas não é apenas um momento de ser, mas também um momento de se tornar, e ainda dentro de cada seção aparentemente estática, haverá contradições e ligações, elementos dominantes e subordinados, declínio ou ascensão de energias. Qualquer momento histórico é simultaneamente o resultado de um processo prévio e um indicador para a direção do seu fluxo futuro” (THOMPSON, 1978 *apud* PALMER, 2014: 57).

Neste caso, temos que, em contraposição aos cânones da interpretação estrutural/econômico/mecanicista, disseminada intensivamente no ocidente do pós-guerra, as contribuições dialéticas de E.P.Thompson ficam patenteadas na sua argumentação de que “qualquer momento histórico é simultaneamente o resultado de um processo prévio e um indicador para a direção do seu fluxo futuro”(THOMPSON, 1978 *apud* PALMER, 2014: *57)*.

Na verdade, trata-se do método/metodologia utilizados no seu livro “*The making of the english working class”* escrito em 1963*,* pressupostos teóricos posteriormente expostos de forma sistematizada no livro “Miséria da Teoria (1978). Trata-se de publicações reveladoras da insurgência, da rebelião intelectual de E.P.Thompson em defesa da interpretação materialista dialética.

Alias, é importante frisar, um posicionamento teórico audaz considerando a conjuntura europeia da década de 1960, momento em que, o pensamento “crítico” encontrava-se encapsulado, aprisionado pelo monopólio dos Partidos Comunistas, partidos sectários menores ou partidos reformistas, estes, também, aparelhos ideológicos partidarizados. Formavam um espectro político definido por Guy Debord (1992) como sendo o “espetáculo concentrado”, a faceta negadora cuja existência, ao bloquear a crítica verdadeiramente radical, contribuía para perpetuação da lógica social do capital, em tese, negada e combatida.

Desta forma, E.P.Thompson deve ser apreendido como um autor de relevo cuja ousadia, a sua estatura intelectual foi reconhecida/descrita por E. J. Hobsbawm quando encetou: *“He had not just talent, brilliance, erudition and the gift of writting but the capacity to produce something qualitatively different […] Let us simply call it genius, in the tradicional sense of the word"[[3]](#footnote-3).* Portanto, de forma combativa e polêmica, mas sem negar a tese de que a contradição essencial da sociedade moderna corporifica-se na existência das classes sociais antagônicas, E.P. Thompson apreendeu o operariado fabril enquanto a fração pujante do proletariado que, criadora do valor, constituía-se no segmento social potencialmente negador da sociedade regida pelo capital.

É por isso que E.P.Thompson mantinha em sua análise o núcleo central da concepção marxiana que, avessa à fabricação de heróis estereotipados, procurou interpretar a contribuição de Marx com base no estudo dos escritos originais do autor. Eis como E.P.Thompson define o conceito de classe:

“by class I understand a historical phenomenon, unifying a number of disparate and seemingly unconnected events, both in the raw material of experience and in consciousness […] more than this , the notion of class entails the notion of historical relationship[…]the relationship must always be embodied in real people in a real context […] The class happens when some men, as a result of common experiences (inherited or shared), feel and articulate the identity of their interests as between themselves, and as against other men whose interests are different from (and usually opposed to) theirs”. (THOMPSON, 1991: 08)[[4]](#footnote-4).

Neste caso, a classe em suas nuances é percebida como fenômeno social, reflexo e produto de uma determinada época histórica. Por esta razão sua composição diferenciada no nível da contingência reafirma, apesar do *contentio inter partes[[5]](#footnote-5)*, o lastro da sua gênese, ainda que do ponto de vista fenomênico a classe se apresente de forma estratificada. Na verdade, seu formato aparente explicita tão somente a lógica expansiva do capital em suas diferentes temporalidades caracterizadoras do *continuum* processo de modernidade contraditória.

O operariado industrial enquanto especificidade do proletariado, na medida em que se conforma enquanto segmento essencial pertencente ao conjunto dos assalariados, mantem intacto seu vínculo na criação do valor, apesar das contradições materiais e espirituais que repercutem em contundentes desconexões no campo da reprodução social, motivação das práticas e condutas diferenciadas entre estratos da classe. A apreensão desse processo constituiu o cerne das preocupações teórico/práticas de E. P. Thompson.

Visto assim, a relação conflitiva geradora das rusgas entre a antiga e a nova geração metalúrgica encontrada na região do ABC paulista, deve ser entendida como repercussão no nível de organização da classe operária, do processo de reestruturação produtiva disseminado após 1990, com aumento da sua intensidade durante os governos de Fernando Henrique Cardoso (1995/2002) e Lula (2002-2011), do processo histórico que implica no *fazer-se/construção/desconstrução* da classe operária na perspectiva Thompsoniana.

Para E.P.Thompson, a experiência da classe adquirida no cotidiano, autoriza-nos a apreender o operariado enquanto uma “unidade disforme” cuja capacidade de apreensão dos aspectos essenciais ou fenomênicos das contradições sociais indica que “a cotidianidade é, ao mesmo tempo, um mundo cujas dimensões e possibilidades são calculadas de modo proporcional às faculdades individuais ou às forças de cada um” (KOSIK, 1976: 69).

Desta forma, a trajetória formativa do proletariado expressa os processos históricos cujas contradições reverberam na formação do operariado fabril, que deve ser percebido, de acordo com E.P. Thompson, enquanto estrato complexo da classe na medida em que a sua formação social, cultural, simbólica e moral não convergem automaticamente para um mesmo nível de consciência, mesmo que ocupem idêntico papel nas esferas da produção e reprodução social.

O operariado é uma unidade estratificada contraditória, razão pela qual, em E.P. Thompson, não pode ser percebido como um bloco social uniforme que resulta mecanicamente da estrutura organizativa do processo de produção e controle ideológico como compreendeu (e) o pensamento de vertente estruturalista. Além deste aspecto estrutural/econômico, que não deve ser ignorado, é preciso considerar a esfera da reprodução social a partir do cotidiano vivido em sua complexidade, momento em que as trajetórias coletivas e singulares, contraditoriamente, “igualam diferentemente” o processo de configuração/desconfiguração dos indivíduos coletivos que compõem os diferentes segmentos do operariado, conferindo maior complexidade, ao conjunto do proletariado.

No Brasil, a partir da década de 1990, uma ampla produção intelectual vinculada à engenharia industrial, à economia e à Sociologia do Trabalho, tem procurado analisar a disseminação das estratégias do trabalho flexível. Em especial, ganharam destaque os estudos sobre o processo de reestruturação produtiva nas empresas montadoras localizadas na região do ABC paulista (BRESCIANI, 2001; ARBIX, 1996; COMIN, 1997).

De forma ampla, encontramos autores que enfatizam a emergência de um perfil operário jovem que goza de maior escolaridade, maior qualificação profissional e melhores salários, quando comparados com a média dos assalariados brasileiros. Um novo segmento operário cuja convivência com a velha geração é marcada por inúmeras rusgas (TOMIZAKI, 2007; RODRIGUES, 2005).

Tais conflitos emergem do processo de dissensão das formas correlatas de emulação subsumidas no conceito de empregabilidade que exige a adoção de atitudes proativas na produção, maior engajamento no cumprimento das metas e das melhorias contínuas. Trata-se de novas estratégias do capital, em geral, incorporadas predominantemente pelo segmento metalúrgico jovem, justamente quando almejam passar pelo rubicão da quarentena dos 90 dias que os separam da efetivação no emprego.

É neste contexto que se acirram as rusgas entre os operários antigos e os jovens, momento em que impera o sentimento do indivíduo descartável, ou retomando Guy Debord (1992), o momento do “especulo difuso”, instante máximo em que o “mercado” se revela enquanto instrumento de dominação, o sujeito mediador e balizador, o palco onde se desenvolvem as relações sociais estranhadas. É por isso que os antigos passam a ser vistos como aqueles que devem ceder seus lugares. Assim é que nos momentos de maior tensão, particularmente quando se discute o corte de pessoal, a nova geração se manifesta provocativamente dizendo: “vai pescar, véio”, “sua mulher está te esperando”, “o Ricardão vai passar na sua casa”, etc. (ARAÚJO, 2012: 89).

Neste caso, as rusgas se revestem de drama social trágico ainda que mantenham seu aspecto hilário. A cena trágico/drama é dada pelo fato de que ambos se engalfinham para ver quem ocupará o papel do sujeito trágico produtor das taxas de Mais-Valia na sua forma Absoluta e Relativa.

Isso corre por que a restruturação produtiva com seu novo *layout* na produção, com a introdução seletiva de novas tecnologias, redimensionam a exploração do trabalho gerando uma superexploração do trabalho vivo. Esse é o novo mundo das oportunidades racionais contemporâneas defendidas pelos liberais democráticos a partir da sua interpretação de “realidade concreta”, mas também pelos liberais ortodoxos (neoliberais) e seu pragmatismo do mercado num mundo sob o controle das finanças e dos especuladores.

Para os operários antigos, uma geração cuja identidade da classe se constituiu em meio às experiências adquiridas nos movimentos grevistas de massa, da resistência conflitiva/coletiva e das correlatas redes de solidariedade que se formam nesse contexto, tais provocações advindas dos mais jovens são vistas como formas de “humilhação”,“constrangimento” e desrespeito à memória de um “glorioso passado” de lutas, combatividade e conquistas. Ainda que os jovens sejam advertidos pelos mais velhos, o embate continua e a nova geração desabafa*:* “aposentado tem que sair”. Os antigos respondem: “mas eu dei meu sangue aqui”. O novo devolve: “já era, sua fase já passou”(ARAÚJO, 2012: 89).

A compreensão das rusgas geracionais, evidenciadas acima, se inscrevem no panorama político/analítico contemporâneo cuja percepção dos significados essenciais contidos nas experiências cotidianas, conforme salientam Alves e Araújo (2013), exige ir além da apreensão enviesada dos epistemológos e sociólogos contemporâneos que:

[...] Quando ouvem a palavra “experiência” identificam-na imediatamente à experiência II, a experiência percebida; isto é, movem-se na direção do que Marx denominou “consciência social”. Como consequência, afirmam que a “experiência II” é um meio imperfeito e falsificador, corrompido por interferências ideológicas. Entretanto, Thompson observa que as regularidades no interior do ser social, com frequência, resultam de causas materiais que ocorrem de forma independente da consciência ou da intencionalidade. Tais causas inevitavelmente dão ou devem dar origens à experiência vivida, à experiência I, mas não penetram como “reflexos” na experiência II. No entanto, a pressão dessas causas sobre a totalidade do campo da consciência não pode ser adiada, falsificada ou suprimida indefinidamente pela ideologia. (ALVES; ARAÚJO, 2013: 57).

É por isso que Alves e Araújo (2013), em contraposição a corrente pós-moderna e “crítica” ao postulado estruturalista, retomam argumentos explicativos de E.P. Thompson que argutamente asseverou:

On the social changes which give rise to a transformed experience occur: This is This experience is crucial, in that it puts pressure on existing social consciousness, asks new questions and provides much of the material dealing with the most elaborate intellectual exercises. (THOMPSON, 1981: 406)[[6]](#footnote-6).

Com base no enunciado de E.P. Thompson (ALVES; ARAÚJO, 2013: 57) salientam que “a experiência [...] constitui e nega, opõe e resiste, estabelece mediações, é espaço de prática, intervenção, obstaculizações, recusa, é processo de formação de identidades de classe e, poderíamos acrescentar, de gênero, de geracional e de etnias. Processos dialeticamente articulados que, ela, a experiência, expressa de forma privilegiada”.

Incorporando acriticamente o anti-estruturalismo, Kimi Tomizaki (2007), atada a experiência vivida, elaborou seu estudo sobre as formas de coexistência entre as duas gerações operárias amparada numa narrativa que descreve os traços da nova geração metalúrgica da seguinte maneira:

A primeira geração, na maioria absoluta, tem origem rural e foi introduzida em uma fábrica tipicamente taylorista/fordista. Trata-se, portanto, de trabalhadores formados pelo “trabalho pesado”, que, por consequência, valorizam a força física como recurso identitário importante. Além disso, os aspectos que definem a masculinidade e a virilidade são bastante visíveis, tanto na forma conservadora de se vestir ou de cortar e manter o cabelo quanto no cultivo dos hábitos de beber (geralmente cachaça) e fumar. A segunda geração, por sua vez, fortemente influenciada pela cultura escolar e gozando de padrões de vida da classe média, apresenta outra relação com o corpo. A força física é mais eufemizada; o cuidado com as roupas, por exemplo, causa estranheza entre os mais velhos, além dos brincos, cabelos longos (ou cabeça raspada) e outros acessórios inimagináveis para a primeira geração, tais como anéis, pulseiras, colares e as inevitáveis tatuagens. (TOMIZAKI, 2007: 168-169).

Na passagem acima temos a incorporação dos pressupostos descritivos “sociológicos”, um ponto fora da curva que obstaculiza (ou), no Brasil, o entendimento das teses Thompsonianas. De acordo com Mattos (2006), a reinterpretação de E.P.Thompson na terra Brasilis descuidou-se em assinalar que a concepção de interdisciplinaridade que guiava as formulações do historiador inglês, ao incorporar elementos da Antropologia e da Sociologia, não implicava no abandono da análise do processo histórico fundado na sociedade de classes e suas contradições na medida em que E.P. Thompson afirmava categoricamente que:

[...] É preciso estar alerta para todos os pressupostos que puderam insinuar-se em cada etapa, creio que isso quer dizer que precisamos ler muito de outras disciplinas; é preciso, além disso, estar a par das inovações teóricas da Antropologia e da Sociologia; permanecendo ao mesmo tempo prudente, pois não se trata de aceita-las em bloco. (THOMPSON, *Apud*, MATTOS, 2006: 88).

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que é salutar a apropriação da premissa de E. P. Thompson para a interpretação dos significados históricos/sociais parece-nos prudente guardar distância do culturalismo (derretimento da noção de cultura enquanto forma articulada de produção e reprodução social prenhe de significados objetivos e subjetivos reais) que a pretexto de ampliar o escopo do “entendimento do objeto”, finda por ignorar os sinais de alerta do historiador inglês. Com isso, pasteurizam a classe numa descrição empobrecida e “a-ideológica” do culturalismo que pretensamente autossuficiente, jacta-se em desenvolver estudos sobre novos sujeitos sociais a partir da tese da diversidade.

Assim, temos que no Brasil foram (e ainda o são), introduzidas tardiamente as teses do difuso multiculturalismo fomentado na Europa na década de 1960. Um novo “arcabouço teórico” que pretensamente contrário ao estruturalismo, focou seus estudos em torno dos “sujeitos sociais” em detrimento à tese das classes antagônicas, findando por empobrecer o conceito de experiências I e experiência II que, subsumidas nas teses de E.P. Thompson, constitui o cerne das suas formulações quando dos embates teóricos contra a interpretação dogmática em relação à “forma de ser e se perceber” da classe, a formação da sua consciência no seu fazer histórico cotidiano sugerido por Alves e Araújo (2013).

Na verdade, as transformações do mundo do trabalho contemporâneo correspondem aos cenários que engendram a forma de ser material e espiritual da classe operária. A cultura operária reflete, então, as formas de reprodução social que estranhadas, materializam a subjetividade operária verificáveis nos comportamentos e condutas cotidianas mediadas por valores e costumes inerentes ao segmento do operariado fabril tal qual analisou E. P. Thompson em “*The making of the English working class”* (1963).

Em Thompson,a história da classe operária deixa de ser uma expressão estrutural/abstrata, sem negar as esferas da produção e da ideologia, para tornar-se a história da experiência vivida por homens e mulheres reais num mundo contraditório da reprodução social cotidiana.

A classe operária, por ser histórica, deve ser percebida enquanto estrato do proletariado dotado de diferentes concepções morais, religiosas e valores. Suas ações “forjam” processos difusos premidos pelas contingências do cotidiano que além de plurais, passam por constantes realinhamentos e modificam-se de acordo com as circunstâncias impostas pela realidade objetiva, sem a perda da sua unidade essencial histórica/social contraditória e de classe.

Como indicou Heller (1999), o próprio acirramento do processo de disputas de todos-contra-todos,revelam os sentidos e as particularidades das ações dos indivíduos, grupos ou estrato da classe que atuam premidos pela dimensão objetiva imposta pelo cotidiano estranhado/alienado, pois:

“[...] as escolhas entre alternativas, juízos, atos, têm um conteúdo axiológico objetivo. Mas os homens jamais escolhem valores, assim como jamais escolhem o bem ou a felicidade. Escolhem sempre ideias concretas, finalidades concretas, alternativas concretas. Seus atos concretos de escolha estão naturalmente relacionados com sua atitude valorativa geral, assim como seus juízos estão ligados à sua imagem de mundo”. (HELLER, 1999: 14).

Vemos, assim, o quanto em nossa cotidianidade dinâmica, calcada na imediaticidade desse turbilhão de experiências fetichizantes/alienantes - processo no qual a nova geração operária encontra-se completamente submersa - há uma forte tendência à fragilização dos laços de solidariedade entre segmentos, grupos, parcelas ou classes como um todo.

De forma acentuada, os novos significados das manifestações da vida cotidiana alienada, tornam-se reveladoras de um novo conteúdo “axiológico objetivo” que atua como força capaz de reduzir parte significativa da força de trabalho à condição de “rejeito humano”, pois, a consolidação dos paradigmas técnico-organizacionais do trabalho flexível implica também tornar descartáveis contingentes expressivos do proletariado, tais quais os operários antigos.

Nesse contexto, no momento em que o jovem é visto pelos mais antigos como sendo a síntese portadora de um comportamento marcadamente consumista, individualista, preferimos percebê-lo como expressão das peculiaridades da sociabilidade capitalista contemporânea, que condiciona a existência/identidade/reconhecimento do indivíduo ao que é capaz de consumir, sejam as mercadorias, sejam as “ideias difundidas” como parte da ideologia do capital à época do trabalho flexível.

Mais ainda, não podemos nos esquecer de que o jovem metalúrgico é profundo conhecedor dos dramas relativos à fase de “estagiário”, no momento em que passou por entre as “portas do inferno”. Sendo assim, uma marca de nossa contemporaneidade - como consequência das formas mais agudas de manifestação desse comportamento social estranhado - é dada pela intensificação, pelo acirramento brutal das disputas entre os próprios operários pela manutenção do emprego.

O novo segmento operário, por ser portador de aptidões profissionais e atitudes condizentes com as exigências, “também ideológicas”, do mercado de trabalho - particularmente no caso das empresas flexíveis -, de modo geral, se beneficiam dessa disputa em relação aos antigos e são duramente criticados pelo seu descolamento, desinteresse em participar das ações sindicais.

Mas a dimensão da reprodução cotidiana estranhada se manifesta com toda a sua intensidade, pois são os operários mais antigos, parentes diretos dos operários jovens, que, almejando uma vida melhor para seus filhos, considerando a condição salarial/material, disseminam nas empresas montadoras da região do ABC as ideias fundadas nas contingências típicas da experiência I “[...] filho, ó, você tem que estudar... você tem que fazer isso... ó, você tem futuro aqui dentro da empresa”. (ARAÚJO, 2013: 90).

A dessemelhança dos comportamentos dos estratos “da classe” em nossa contemporaneidade demonstram as vivências e experiências temporalmente estanques de cotidianos fundados por contextos históricos distintos. A geração mais antiga viveu espasmos da experiência II na qual a ação coletiva forjou uma identidade de classe aguerrida em meios às greves deflagradas durante os anos de chumbo no Brasil.

O segmento mais jovem viveu situações de experiência I cujo cenário era dos tempos de “democracia” e da ofensiva do capital por meio da reestruturação produtiva, de esvaziamento do sindicalismo combativo, da defensiva sindical consubstanciada em ações de conciliação e parcerias com o capital. Uma conjuntura política e ideológica no qual a figura do colaborador encarnava o ressurgimento da figura do *“self-made-man”* contemporâneo dotado de valores egoísticos.

As ações do capital no sentido de cooptar este novo segmento jovem da classe, em face da defensiva sindical, parece mover “forças ocultas”, capaz de causar uma espécie de “medo paralisante”. Contudo, seu silêncio demonstra a maneira resignada como encara os dilemas impostos pelas contingências sem que isto represente automaticamente sua adesão espontânea à lógica reprodutiva do capital.

A recusa desse segmento operário em participar do sindicato não anula o fato de que o jovem metalúrgico, imerso em novas contradições sociais, construa sonhos e desejos em meio a todo tipo de estranhamento/devaneios. Devemos considerar que suas aspirações foram engendradas no ambiente de trabalho flexível, num contexto em que o mesmo foi educado para a “não confrontação” com o capital.

Sua consciência contingente foi engendrada com base em suas experiências vividas, um processo sindical coletivo marcado por ações cujas práticas buscavam encontrar espaços de negociação com vistas à conciliação defensiva. No plano político essa tendência ganhou maior impulso quando formatada de acordo com o ideário contido na tese da concertação social petista, tese impulsionada com mais vigor a partir da chegada de Lula à Presidência da República em 2002.

É justamente essa dimensão social do processo de formação permanente da classe operária, da *Real Story,* que encontramos as evidências, os vestígios dos traços que permitem apreender sua essência politica, econômica e cultural. Ou seja, o fazer histórico da classe interpretado também pelas contingências impostas pela cotidianidade, pela cultura entendida enquanto práticas que matizam a reprodução social da classe operária em oposição aos pressupostos verticalizados expressos pelas tendências estruturalistas e sua interpretação economicista e politicista dos fatos históricos. Teses duramente combatidas por E.P.Thompson (1963), pois, além de empobrecer a análise, obstaculiza o entendimento daquilo que é a classe operária, as novas contradições sociais nas quais se encontra imersa, bem como, das reais possibilidades em se pensar a emancipação social em relação à lógica destrutiva do capital.

Para E.P.Thompson, a classe operária se realinha permanentemente de acordo com a sua inserção na esfera da produção e da reprodução social, e essa, por sua vez, se modificam conforme se alteram as condições de sua existência nos diferentes contextos históricos. Neste caso, a conjuntura histórica não é como uma linha reta, a conjuntura é marcada por avanço e recuos na sua luta de resistência ao capital, um processo repleto de agruras, avanços e retrocessos no nível da consciência, conformando traços sociais indeléveis do processo de formação da classe em si; *“Their aspirations were valid in terms of theirs own experience; and, if they were casualties of history , they remain, condemned in their own lives, as casualties”.* (THOMPSON, 1991: 12)[[7]](#footnote-7).

Parece-nos, então, que o lapso temporal que separa as gerações operárias, particularmente a antiga e nova geração flexível encontrada no ABC paulista, em sentido literal, expressa variantes em suas formas de produção sem romper o vínculo umbilical que, subsumidas no processo de formação da grande indústria, representam as particularidades da forma de ser da classe em tempos de predomínio das transnacionais flexibilizadas.

Neste sentido, temos que a nova geração metalúrgica flexível expressa um estrato da classe transformada cujo lastro histórico, por mais que se apresentem novas facetas no plano da reprodução social, reafirma, pelo papel que ocupa na produção, sua genealogia social/estrutural vinculada ao desenvolvimento da modernidade do capital. Assim, sua apatia silenciosa pode ser enganosa na medida em que sua recusa, ainda que resignada no tempo presente, não resolve a contradição essencial da sociedade capitalista, qual seja: a classe operária, ainda que modificada pela reestruturação produtiva, encontra-se subalternamente imersa na lógica do capital.

Devemos explicitar que ao resgatar o legado de E.P. Thompson, pretendemos contribuir para a compreensão de nossa contemporaneidade, reconhecendo a situação defensiva da classe operária em face do processo de restruturação produtiva, porém, guardando distância às teses céticas que pretensiosamente realistas, propugnam a rendição fatalista da classe operária à ordem capitalista na medida em que profetizam que a classe não fez a revolução, ao contrário, apegou-se aos valores sociais do capital.

Ou ainda, se contrapor às reminiscências teóricas das teses calcadas em interpretações mecanicistas/economicistas que ignoram a recente ofensiva do capital e a correlata reconfiguração objetiva e subjetiva da classe operária. Teses que, ao vulgarizarem as contribuições do materialismo histórico, contraditoriamente, permitem pela via da sua negação, recuperar a essência da tese Thompsoniana, que percebe a classe no plano da “cultura”. Do E.P.Thompson audaz que demonstrou a cotidianidade como sendo o terreno supremo para a leitura crítica das formas de reprodução social e das contradições latentes.

A partir do estudo da “experiência vivida” e da “experiência percebida”, E.P.Thompson apontou um caminho investigativo fértil, inaugurou uma metodologia de investigação científica cuja realidade social pode ser apreendida a partir do cotidiano enquanto estudo da cultura (não confundir com a narrativa culturalista), elegendo a cotidianidade como sendo o terreno em que encontramos o manancial social crítico e indispensável à compreensão das novas contradições históricas reais.

Por fim, trata-se da possibilidade de apreensão mesmo da realidade social que, sem ignorar, mas indo além dos aspectos fenomênicos da vida social permitiu, ao autor, afirmar que em tempos de calma aparente “People fancy that when all is quiet that all is stagnating […] Propagandism is going on for all that. It´s when all is seed´s a- growing” (THOMPSON, 1991: 781)[[8]](#footnote-8).

Evidentemente que não se trata de anunciar o processo de construção espontâneo da ruptura radical e silenciosa sendo construída, “por baixo”, em relação à sociedade do capital, mas da constatação fundamental que permite afirmar a existências das contradições ainda que em outros termos. Da afirmação de que estas continuam a existir ainda que Francis Fukuyama (1992) insista em anunciar o fim da história.

**Referências**

ALTHUSSER, Louis. P. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

ALVES, Giovanni; ARAÚJO, Renan. **Thompson, Lukács e o conceito de experiência - um diálogo mais que necessário**. Revista Mundos do trabalho. [v. 5, n. 10, 2013](https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/issue/view/2076).p.53-70.

ARAÚJO, Renan. **O novo perfil operário metalúrgico do ABC**: um ensaio sobre o trabalho e o modo de vida “just-in-time” do metalúrgico jovem-adulto flexível (1992-2008). Campo Mourão: Editora Fecilcam, 2012.

ARBIX, Glauco. **Uma Aposta no Futuro:** Os primeiros anos da Câmara Setorial da indústria automobilística*.* São Paulo: Scritta, 1996.

BRESCIANI, Luís Paulo. **O contrato da mudança**: a inovação e os papéis dos trabalhadores na indústria brasileira de caminhões*.* Tese Doutorado: Unicamp: Instituto de Geociências, 2001.

COMIN, Alvaro. **De volta para o futuro**: política e reestruturação industrial do complexo automobilístico brasileiro. São Paulo: Annablume: Fapesp, 1998.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo. Contraponto: 1992

[FUKUYAMA, Francis](http://pt.wikipedia.org/wiki/Francis_Fukuyama). O fim da história e o último homem. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História***.* Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 3oed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1989.

MATTOS, Marcelo Badaró.[**E. P. Thompson no Brasil**](http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/14/out14_05.pdf). Revista Outubro, n.14, novembro de 2006.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto***.* Trad. Célia Neves e Alderico Toríbio. 2o ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista***.* São Paulo: Escriba 2. ed.,1968.

PALMER, Bryan**. Paradoxo e polêmica, argumento e constrangimentos: reflexões sobre E. P. Thompson. Revista História e Perspectivas**. No Especial, 2014. P.55-90.

RODRIGUES, Iram J.Martins, Heloisa Helena T**. Perfil socioeconômico de jovens metalúrgicos***.* **Revista Tempo Social**. v.17. no2, 2005. p.03-25.

SHAPIRO, Helen. **A primeira migração das montadoras**. In - De JK a FHC, a reinvenção dos carros. São Paulo: Scritta, 1997.

THOMPSON, E. P. The making of the english working class. London: Penguin Books, 1963.

\_\_\_\_\_ The Politics of theory. In: SAMUEL, Raphael (Ed.). **People’s history and socialist theory***.* London: Routledge, 1981, p. 406.

\_\_\_\_\_. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. SP: CIA. Das Letras, 1998.

TOMIZAKI, Kimi A. **Ser metalúrgico no ABC: transmissão e herança da cultura operária entre duas gerações de trabalhadores.** Campinas: Arte Escrita, 2007.

1. Doutor em Sociologia do Trabalho. Professor do Programa de Mestrado interdisciplinar “Sociedade e Desenvolvimento” da Universidade Estadual do Paraná - Unespar/Campo Mourão e do Programa de Mestrado “Interdisciplinar em Formação Docente” - Unespar/Paranavaí. Líder do grupo de pesquisa CNPq: “Economia do Trabalho, Educação e Desenvolvimento Regional” - Unespar/Paranavaí. [↑](#footnote-ref-1)
2. Por alto; sem entrar em pormenores; sucintamente, sumariamente. [↑](#footnote-ref-2)
3. “Ele não tinha apenas talento, brilho, erudição e o dom da escrita, mas a capacidade de produzir algo qualitativamente diferente [...] Vamos simplesmente chamá-lo de gênio, no sentido tradicional da palavra". (Nossa tradução) [↑](#footnote-ref-3)
4. “Por classe entendo um fenômeno histórico que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência e na consciência [...] mais do que isso, a noção de classe implica a noção de relação histórica [...] o relacionamento deve sempre ser incorporado em pessoas reais em um contexto real [...] A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses são diferentes (e, geralmente, em oposição à) deles.” (THOMPSON, 1991, p. 08.). (Nossa tradução). [↑](#footnote-ref-4)
5. Divergência entre as partes. [↑](#footnote-ref-5)
6. Dentro do ser social ocorrem mudanças que dão origem a uma experiência transformada: e essa experiência é determinante, no sentido de que exerce pressão sobre a consciência social existente, propõe novas questões e oferece grande parte do material com que lidam os exercícios intelectuais mais elaborados (THOMPSON, 1981: 406). (Tradução nossa). [↑](#footnote-ref-6)
7. “Suas aspirações eram válidas em termos de suas próprias experiências; e, se eles foram vítimas da história, eles permanecem condenados em suas próprias vidas, como vítimas” (THOMPSON, 1991:12). ( Tradução nossa). [↑](#footnote-ref-7)
8. “As pessoas imaginam que quando tudo está calmo, tudo está estagnado [...] Toda forma de propagandismo está acontecendo. Tudo é uma semente em crescimento...” (THOMPSON, 1991: 781). [↑](#footnote-ref-8)